

O fim do segundo milênio por Ignácio de Loyola Brandão: A solidão do homem em “A mão perdida na caixa do correio”

Laysa Louise S. Beretta ¹

RESUMO: O presente estudo tem como proposta observar a representação do final do segundo milênio feita por Loyola Brandão no conto a “A mão perdida na caixa do correio” a fim de compreender de que forma a violência e o absurdo do cotidiano nas metrópoles (neste caso, São Paulo) amedronta e segrega o homem urbano. Quer dizer, de que forma o medo e a desconfiança diante do outro faz com que o homem se volte para uma solidão consentida e deixe de lado a “presteza em compartilhar o mundo com os outros homens” (ARENDDT apud BAUMAN, 2004, p. 177).

Palavras-chave: Ignácio de Loyola Brandão; Solidão; Violência.

ABSTRACT: This work intends to observe the representation of the end of the second millennium made by Loyola Brandão in the short story “A mão perdida na caixa do correio” in order to comprehend how violence and the absurdity of everyday life in metropolis (in this case, in São Paulo) frighten and segregate the urban men. In other words, how fear and suspicion lead men to face an agreed loneliness and leave aside the “readiness to share the world with other men” (ARENDDT, Hannah. Men in dark times. San Diego, New York London: Harcourt Brace & Company, 1995. p.25).

Keywords: Ignácio de Loyola Brandão; Loneliness; Violence.

INTRODUÇÃO

O mundo não é humano só por ser feito de seres humanos, nem se torna assim somente porque a voz humana nele ressoa, mas apenas quando se transforma em objeto do discurso... Nós humanizamos o que se passa no mundo e em nós mesmos apenas falando sobre isso, e no curso desse ato aprendemos a ser humanos. Esse humanitarismo a que se chega no discurso da amizade era chamado pelos gregos de filantropia, o “amor do homem”, já que se manifesta na presteza em compartilhar o mundo com outros homens (ARENDDT apud BAUMAN, 2004, p. 177).

¹ Mestranda em Estudos Literários (PPGL) pela Universidade Estadual de Londrina.

Levando em consideração o discurso de Hanna Arendt acerca da possibilidade de humanidade no mundo, que, segundo ela, tem o âmago na “presteza em compartilhar o mundo com outros homens”, este estudo tem como proposta observar a representação do final do segundo milênio feita por Loyola Brandão e, mais precisamente, a solidão do homem no conto “A mão perdida na caixa do correio”, publicado em *O Homem que odiava segunda-feira* (1999). O conto selecionado nos sugere inúmeras possibilidades de estudo, como a exposição do cenário urbano paulistano, o absurdo no cotidiano da metrópole, a incomunicabilidade entre os homens ou ainda o interesse monetário nas relações humanas, mas selecionamos como eixos para o presente trabalho, justamente por nos debruçarmos no que pondera Arendt, a desconfiança e a conseqüente solidão do homem urbano.

Ainda que a tarefa pareça extensa para um trabalho de curto fôlego como esse, veremos que os eixos temáticos escolhidos se relacionam e justificam-se entre si no conto, pois o texto nos apresenta o homem solitário na multidão, que vive por si porque desconfia do outro e se amedronta frente ao futuro incerto (não há mais confiança na promessa pública de bem-estar): “O mundo pós-moderno está-se preparando para a vida sob uma condição de incerteza que é permanente e irredutível” (BAUMAN, 1998, p.32).

Para tanto, além de Bauman, nos utilizaremos das considerações feitas por Walter Benjamin em "Charles Baudelaire: um lírico no auge do capitalismo" (1938) e Gilles Lipovetsky em *Os tempos hipermodernos* (2004) e em *A Era do vazio* (2005).

1. O conto.

Em *O Homem que odiava segunda-feira*, publicado em 1999 pela Editora Global, Ignácio de Loyola Brandão presenteia o leitor com um conjunto de contos que são construídos a partir do comentário aleatório com relação ao cotidiano do indivíduo paulistano. Os contos, que partem do impasse gerado pela segunda-feira, se encadeiam com relação ao tema e travam um diálogo eminente com a literatura insólita, com o intuito claro de expor os absurdos da segunda-feira em uma metrópole.

Os cinco contos que compõem o livro nos apresentam acontecimentos fantásticos no dia-a-dia dos homens, e todos os acontecimentos ocorrem na segunda-feira. Como exemplo é possível citar o diálogo e a dependência sentimental que um dos protagonistas do livro travou com uma formiga no conto “A formiga matutina” ou até mesmo o impasse enfrentado por Fiúza no conto “KersgatoiNula! KersgatoiNula”, que em uma manhã de segunda-feira percebeu, quando foi cumprimentar uma senhora com um “bom dia” e emitiu “DrasGreij KjoiNvi”, que não conseguia mais falar português. No entanto, não é tarefa árdua perceber que os acontecimentos fantásticos não passam de uma ferramenta para incitar discussões mais profundas, pois facilmente o leitor se vê diante de questões como a incomunicabilidade na cidade, a solidão, o medo e a desconfiança no cotidiano de homens que “vivem semi-acordados ou hipnotizados, trabalhando e vivendo sem emoção” (BRANDÃO, 2000, p. 30).

É interessante, antes mesmo que nos debruçemos sobre o conto selecionado para compor este trabalho, nos voltarmos para a acepção de um dia como a segunda-feira na passagem para o século XXI, pois, como diz Zezé Brandão no prefácio do livro em questão, “não se pode ser feliz às segundas-feiras”. O início da semana útil, o recomeço da rotina de trabalho burocrático e, sobretudo, o retorno do homem para a multidão urbana parecem ser os principais motivos para os absurdos que o dia promove e para o conseqüente temor dos homens de Loyola Brandão que odiavam a segunda-feira:

As segundas-feiras existiam a atemorizá-lo, deixando-o tenso, com suores e calafrios, dores nos músculos, visão embaçada e uma nevralgia que paralisava o lado direito do rosto. Ainda na cama sentia tonturas cãibras, rolava insone. Os sintomas se iniciavam no domingo à noite, com a música do Fantástico, subindo das televisões de todos os apartamentos, ou quando o Silvio Santos passava a gritar: Quem quer dinheiro? Significava o fim do final de semana. É o início da dolorosa peregrinação noturna ao encontro da segunda-feira (BRANDÃO, 2000, p. 68).

O temor começava com as programações dominicais de televisão, que anunciavam o início de nova semana e, sobretudo, o fim da segurança que o lar promove, em contraponto com a desconfiança do homem paulistano nas ruas da cidade. É interessante observar que o fim da semana era lembrado a partir da célebre fala de Silvio Santos oferecendo dinheiro em seu programa de auditório, acontecimento semanal que se afasta essencialmente da realidade dos seus espectadores, que, no mesmo momento em que assistiam aos arremessos de aviões

feitos com cédulas de cem reais, se preparavam para o transporte público e para a semana de trabalho que iniciariam no próximo dia, ou seja, se predispunham para a multidão da cidade.

Em “A mão perdida na caixa do Correio” a situação não é diversa, pois é na segunda-feira, que um homem (anônimo durante toda a narrativa), perde a mão na caixa do Correio ao depositar mais uma das suas correspondências com cupons promocionais, pois “sonhava ganhar um *home-theater* no concurso de uma revista” (2000, p. 25). A mão simplesmente descolou no seu braço, sem sangue e sem dor, como se fosse parafusada. O braço parecia uma gravura de livro de medicina, “mostrava artérias, veias, músculos e terminais de ossos limpos, secos” (p.27) e sua mão perdida dentro da caixa. Imaginou que fosse um sonho, mas era uma situação nova, era “culpa da segunda-feira, nem precisava pensar, um dia tenebroso” (p. 27). O homem sem mão era sozinho, tivera apenas uma namorada que desmanchou com ele para ficar com o dono de uma locadora de vídeos, se sentia um pioneiro, um homem diferente dos outros e suas considerações sobre si próprio não eram insanas, pois quem, no final do segundo milênio, ainda envia cartas e não sabe usar o computador? O homem não se utilizava do serviço dos Correios apenas para enviar cupons promocionais, como veremos adiante:

Costumava escrever dois ou três por semana e enviar para desconhecidos apanhados por amostragem nos endereços que deixavam no cartório. Levavam perguntas ou afirmações que ele considerava intrigantes: O que significava a palavra adevão? Matemática: O que representavam as esferas perfuradas no sistema numérico dos sumérios? Adivinhação: O que é, o que é, que cai em pé e corre deitado? Joaquim Silvério dos Reis não traiu Tiradentes; foi o contrário. Porque o décimo terceiro apóstolo do Jesus não é citado nos testamentos? Quantos litros de xixi descarregamos em uma mijada? Quantos gramas de bosta cagamos de cada vez? Sabia que os fabricantes de fósforos estão nos roubando? Não existe nas caixas o número de palitos que anunciam no rótulo. Já contou? (BRANDÃO, 200, p. 26).

O excerto que, de antemão, já nos apresenta a solidão urbana que será observada no decorrer deste trabalho, também nos revela os costumes obsoletos do homem que perdeu a sua mão. Avesso aos meios digitais e ao telefone comunicava-se por meio de cartas de próprio punho, mas agora não tinha mais a sua mão direita, que além de escrever as cartas, era o principal instrumento para o seu trabalho (era funcionário de um cartório), vez que não usava computadores.

O homem perdeu a sua mão após o seu expediente no cartório e, cheio de agonia, sem considerar crível o que havia acontecido, resolveu esperar a coleta que seria feita na caixa da Conselheiro Nébias com a Duque de Caxias. A esquina era lúgubre e marginal, pois, enquanto o homem sem mão esperava, ratos o rondavam e uma “puta velha que ria mijava na perna dele” (BRANDÃO, 2000, p. 47). O homem adormeceu e despertou com a batida de porta da perua amarela dos Correios, que após alguns segundos virou a esquina. A solução, então, era encarar a fila e os guichês das agências, mas a solução estava distante dos olhos do funcionário que precisaria da sua mão para trabalhar no dia seguinte. A corrida pelas agências dos Correios foi em vão, pois o nosso protagonista acaba sendo oprimido por um grande sistema burocrático:

Pois vá à Expedição, no Chora Menino. Só a selecionadora pode resolver casos como o seu. Se deixarem, o senhor vai à Seleção de Correspondência. Na seleção vão constatar que mão não é carta, volume, despacho expresso, e consultarão a chefia. Os computadores da selecionadora são perfeitos, acabaram de chegar do Japão. Já foram adaptados para o alfabeto, os olhos, usos e costumes brasileiros. Os protestos começaram. “Funcionário público é assim! Ninguém quer trabalhar, fazer nada. Estão trocando receitas as tiazinhas?” O homem do lenço verde não dera mais um espirro, porém seu nariz continuava vermelho. – Não sabem que não sou funcionário público. Ganho por pessoa atendida e o senhor me tomou o triplo do tempo, preciso pedir extra, quero saber como recorrer. Pode assinar este papel, confirmando o tempo de consulta? Incomoda-se que eu acrescente quinze minutos a mais? Para o senhor não faz diferença! (BRANDÃO, 2000, p.56).

O homem sem mão, que foi desde o guichê “Informações” até o “Achados e Perdidos” não encontrou solução, os funcionários, que só trabalhavam com situações que se encaixassem no catálogo e no sistema, não encontravam saídas para o problema apresentado pelo protagonista do conto e também não se surpreendiam com a situação absurda do homem. Um dos funcionários o aconselhou a se dirigir até a Expedição dos Correios. O prédio era grande e fechado para a população, o homem tocou a campainha e foi atendido por um funcionário que lhe disse que ele só poderia entrar no prédio se fosse membro da Pesquisa Sigilosa, e o homem, que ansiava por sua mão, disse que pertencia ao grupo por ele citado. Entrou e explicou a situação para o funcionário, mas o último, que cumpria os últimos meses antes da aposentadoria, desconfiou da procedência da situação e do homem sem mão. Procurou nos códigos fornecidos pelos Correios e não encontrou nada que se adequasse à

situação do visitante. Desconfiado, o funcionário passou a acreditar que o pobre homem nada mais era que um supervisor que procurava algum motivo para demitir por justa causa o empregado que se aproximava da aposentadoria, amedrontou-se diante da situação (há muito tempo tinha pesadelos com a fila da Previdência Social) e, enquanto guiava o homem sem mão pelas dependências internas da agência, o interrogava a respeito de amigos e família. Após concluir que o homem não tinha ninguém, deixou que ele tomasse a sua frente, passou uma corda de fechar fardos em torno do pescoço do rapaz, o sufocou, embalou o corpo em um saco plástico e o atirou no monte de correspondências extraviadas, que os caminhões viriam buscar, um pouco mais tarde, para incinerar.

Quanto à mão:

A mão surgiu no meio da correspondência recolhida na caixa da esquina da Conselheiro Nébias com a Duque de Caxias. Caiu dentro do Seleccionador que travou. Estava sem CEP, destinatário, remetente. Uma funcionária viu, espantou-se, mas recolheu-a e guardou no bolso do jaleco. “O que fazer com ela? De quem será? Que engraçado! De carne e osso, mesmo. Limpinha. Se vierem reclamar posso ganhar uma boa gorjeta. Pelo sim, pelo não.” Levou-a para casa no final do expediente. Depois do jantar, ligou a televisão para ver a novela. Lembrou-se. Apanhou a mão, foi para o quintal, jogou para o cachorro (BRANDÃO, 2000, p. 64).

2. Trindade da incerteza e a solidão do homem no final do segundo milênio.

A confiança: confiança em si mesmo, nos outros e nas instituições. Os três constituintes da confiança costumavam ser indispensáveis. Condiçonavam-se e se apoiavam entre si: sem um deles, os outros dois implodiam e entrariam em colapso (*Modernidade Líquida*, Zygmunt Bauman).

Bauman, no excerto exposto acima, nos apresenta uma espécie de trindade da confiança que consiste em: confiança em si mesmo, nos outros e nas instituições, além de nos dizer que se uma delas entrar em colapso, as outras duas também entram, como em um efeito cascata. A trindade exposta se relaciona, essencialmente, com o cerne da solidão que pretendemos observar no conto de Loyola. No entanto, quando consideramos o conto, já não

se trata de confiança, mas de desconfiança, ou seja, Loyola nos mostra a trindade de Bauman já em colapso.

Se observarmos com atenção o percurso do homem sem mão até a Expedição dos Correios, ou seja, até a sua morte, poderemos identificar a trindade mencionada já em ruínas, pois o trajeto, desde a esquina da Conselheiro Nébias com a Duque de Caxias, é marcado pela desconfiança e pela incerteza individual, social e, principalmente, institucional.

Para que possamos identificar a trindade da confiança em colapso (ou da desconfiança), dividiremos a narrativa em três partes e começaremos a análise pelo fim do trajeto percorrido pelo protagonista (aqui, o fim justificará o meio e o início), ou melhor, por sua morte. O homem sem mão foi morto por um funcionário dos Correios, que desconfiava que ele fosse alguém mandado pela chefia para testar a sua presteza em serviço e para pregar-lhe uma armadilha que causasse a sua demissão por justa causa, sem direito ao seguro desemprego:

Dedos e unhas. “Meu Deus! Estou perdido. E agora?” Certamente enviaram esse homem para testá-lo. Era assim, tentavam flagrar um funcionário à beira da aposentadoria, para demitir por justa causa, não pagando direitos trabalhistas. Porém os direitos são pagos, os advogados forjam procurações e recebem as indenizações em nome de terceiros. Tudo bem armado, ele conhece. Agora, estava prestes a cair na armadilha, todos montam falcaturas, estabelecem maroteiras. Se a perspectiva de se aposentar o apavorava, imagine ir para a rua com as mãos abanando? Muitas vezes sonhava com as filas da Previdência Social no inverno, debaixo de chuva. Num dos pesadelos, quando as portas de repartição se abriam, todos estavam transformados em estátuas de gelo. [...] Ele tinha certeza, era o seu momento final, com a vinda desse homem sem mão. Como se as caixas do correio pudessem devorar mãos e cabeças. (BRANDÃO, 200, p.59).

O fim do caminho percorrido pelo protagonista do conto de Loyola Brandão é marcado pela primeira e mais importante (porque mais poderosa) incerteza, ou melhor, desconfiança da trindade exposta: a institucional. O funcionário comete um assassinato diante da desconfiança com relação ao seu emprego e aos seus projetos de vida futuros, ou seja, não há, para ele, um terreno estável para acomodar uma âncora. As instituições, nem mesmo a que o emprega, não inspiram confiança, muito pelo contrário, parecem estar inseridas em um sistema corrompido, pois a falcatura, assim como ele afirma, vai desde a armadilha que ele acreditava estar enfrentando até as procurações que os advogados forjam.

Bauman, em *O Mal-estar da pós-modernidade*, tece interessantes considerações acerca da incerteza pós-moderna:

Nenhum emprego é garantido, nenhuma posição é inteiramente segura, nenhuma perícia é de utilidade duradoura [...] Meio de vida, posição social, reconhecimento da utilidade e merecimento da autoestima podem todos desvanecer-se simultaneamente da noite para o dia e sem se perceber (BAUMAN, 1998, p. 35).

A incerteza do funcionário reside justamente no possível desvanecimento repentino abordado por Bauman. O sentimento dominante é uma forte sensação de incerteza e de impotência, vez que a prosperidade não está limitada à própria sorte ou aos seus próprios dons, mas nas mãos de uma instituição que detém grande poder. Além dos Correios, o funcionário menciona a Previdência Social, ou seja, outra instituição pública, que detém ainda mais poder em nível social que os Correios.

O funcionário sonhava com as filas no inverno e também com os funcionários da Previdência transformados em estátuas de gelo, ou seja, temia não receber a sua aposentadoria, ir para a casa de mãos abanando, sem o vislumbrado bem-estar do trabalhador. Bauman, ainda em *O Mal-estar da pós-modernidade*, nos diz algo sobre o que a Previdência Social representa no cenário pós-moderno:

Os dispositivos de previdência, antes um exercício dos direitos do cidadão, transformaram-se no estigma dos incapazes e imprevidentes. “Concentrados nos que necessitam deles”, sujeitos a verificações dos meios de subsistência cada vez mais estritas e cada vez mais humilhantes, difamados como sendo um sorvedouro do “dinheiro dos contribuintes” (BAUMAN, 1998, p. 43).

Bauman, ao se voltar para as verificações humilhantes da Previdência, nos apresenta mais um colapso na confiança institucional. O funcionário dos Correios, ainda que certo diante do seu tempo de trabalho e certo da sua contribuição temia as verificações, a fila na chuva e a prestação dos serviços oferecidos, ou seja, desconfia de uma instituição que deveria, sem delongas, lhe conceder os direitos de um cidadão que trabalhou durante grande parte da vida.

É ainda interessante observar que a primeira desconfiança (ou confiança destruída) apresentada no texto de Loyola não se trata apenas de desconfiança institucional, mas de

desconfiança com relação às instituições públicas. O funcionário comete o assassinato por desconfiar de falcatruas e armadilhas de um empregador público e desconfia das inúmeras e complexas verificações feitas pela Previdência com receio de ser desamparado financeiramente por uma instituição que deve conferir essa proteção legal aos contribuintes.

Prosseguindo no percurso empreendido, lidaremos com a segunda confiança em colapso representada no texto de Loyola: a confiança nos outros homens. Regressando um pouco na narrativa, estaremos diante da longa procura do protagonista para encontrar a sua mão perdida e não precisaremos de grande empenho para identificar a desconfiança entre os homens tanto nas ruas da cidade, como também com relação aos primeiros funcionários dos Correios interpelados pelo nosso protagonista.

Ainda no início do conto, logo após a mão cair dentro da caixa, o protagonista reflete consigo mesmo acerca da desconfiança entre os homens na cidade:

“O que faço? Minha mão acaba de cair na caixa!” Iam julgá-lo de maluco. Nessa São Paulo de gente desconfiada, todos olham para os outros com receio, precisamos ter cuidado (BRANDÃO, 2000, p. 44).

No entanto, a desconfiança que observamos durante a narrativa não se reduz a um juízo de valor com relação à sanidade mental do protagonista, se trata de algo maior, de uma desconfiança que se torna descaso, ausência de compaixão. Na rua, as pessoas não se compadeciam diante do caso do homem sem mão, mas, novamente, desconfiavam de possíveis falcatruas e golpes:

– A caixa está engolindo mãos. – Ora, faça-me o favor. Gozações logo de manhã, com esse calor, a chuva ameaçando? Quem garante que não vem outra inundação? Cada dia tem mais louco e ladrão em São Paulo, não dá pé! Ele exibiu o braço. Podia-se ver as veias, músculos, nervos. Parecia uma gravura de livro de medicina. Tudo seco, sem sangue. – Viu? Minha mão acaba de cair dentro da caixa. – Só me faltava essa! O leite subiu, o pão diminuiu de tamanho, tive de comprar margarina em lugar de manteiga, me roubaram o vale transporte no ônibus. E me vem um sujeito fazendo gracinhas. Decerto quer me vender alguma coisa, tudo é marketing, marketing (BRANDÃO, 2000, p. 37).

O excerto exposto é esclarecedor com relação ao efeito cascata na trindade da confiança proposta por Bauman. A fala da mulher interpelada pelo homem sem mão revela que o descaso ou a falta de humanidade entre pessoas na cidade está diretamente ligada à

incerteza do homem com relação às instituições públicas. O homem não mais confia na promessa pública de bem estar, não acredita nas instituições públicas e nem nos outros homens. O cotidiano é feito de uma atmosfera de incerteza permanente, o homem urbano precisa lidar com as adversidades do dia (trocar manteiga por margarina por conta do preço, ter o vale transporte roubado), com a desordem e o caos e se preparar para os possíveis infortúnios do próximo dia. Como dissemos acima, nada é garantido, nem mesmo o emprego público de um antigo funcionário dos Correios.

A conduta dos empregados dos Correios frente ao homem sem mão também demonstra a permanente incerteza do homem com relação às instituições e à sociedade:

Ele chegou diante do guichê. O funcionário espirrava. Tinha um lenço verde na mão. – Sim, sim, atchim, sim, atchim... posso ser útil? – Perdi a mão. – E por que veio ao Correio? Perdeu aqui dentro? – Numa caixa de coleta. – Estava endereçada? – Como endereçada? – Tinha destinatário? Remetente? CEP correto? – E por que eu iria colocar CEP na mão? – Está no Manual, doutor. Preciso fazer as perguntas. Atchim. – Olha! Olhe bem para mim. Fui colocar a carta na caixa e a minha mão foi engolida. – O que quer dizer? A mão foi engolida por quem? Tinha um bicho na caixa? – Não, não tinha um bicho. A mão caiu dentro. – Deve ter feito porcaria, estragou a correspondência, o senhor, atchim, atchim, veio pagar pelos prejuízos, se responsabilizar. Então, errou de guichê, atchim. Como se apresentou voluntariamente, não será penalizado, posso ler no Manual. Atchim (BRANDÃO, 2000, p.50).

Os funcionários procurados pelo nosso protagonista agiam de forma desumana frente ao problema do homem sem mão. Não deixavam de crer no caso, mas também não abandonavam a forma de trabalho automatizada para ajudar o cidadão a resolver o seu infortúnio. Trabalhavam semi-acordados, mergulhados em uma rotina burocrática, mas relativamente garantida. As transações só poderiam ser realizadas se constassem no manual e se estivessem cadastradas por códigos, nada podia ser feito além do que estava no sistema. Essa era a forma segura dos funcionários de lidar com a incerteza do amanhã, era a maneira de preservar o seu emprego e o seu bem-estar individual.

É pertinente observar que o colapso da confiança institucional coloca, quase que imediatamente, o restante da trindade em ruínas, assim como Bauman já havia observado. A incerteza do homem com relação à integridade institucional (neste caso, Os Correios e a

Previdência Social) abala, de forma drástica, a confiança entre os homens e ainda a confiança do homem em si mesmo.

O homem vê-se no centro da trindade destruída, diante de um estado de insegurança irremediável e, sozinho, leva a vida com o intuito de manter seguro o possível para o seu bem-estar individual, ou seja, firma-se disciplinado no trabalho e organizado socialmente, pois, de certa forma, são as únicas as medidas que lhe restam para resguardar alguma estabilidade, uma vez que é impotente diante de um sistema que se exerce com uma autonomia cruel. Acerca do exposto, Lipovetsky considera em *Os Tempos Hipermodernos*:

É o medo o que importa e o que domina em face de um futuro incerto; de uma lógica da globalização que se exerce independente dos indivíduos; de uma competição liberal exacerbada. De um desenvolvimento desenfreado das tecnologias da informação; de uma precarização do emprego, e de uma estagnação inquietante do desemprego num nível elevado (2004, p. 28).

Diante do que foi exposto, nos resta a terceira e última parte no retrocesso pretendido: o início do conto, ou melhor, o homem sem mão exposto por Loyola. No início da narrativa, o autor nos apresenta o homem que depositou a carta com um cupom promocional para concorrer a um *home theater* e que perdeu a mão. O homem, que também havia sido trocado pela namorada, teme perder o emprego por não ter aprendido a datilografar no computador. Desconfia de si mesmo, do seu patrão e dos Correios, mas também sofre com a desconfiança social nas ruas (ninguém lhe deu atenção ou ofereceu ajuda após a mão cair dentro da caixa) e com o descaso institucional desempenhado pelos funcionários dos Correios, que também desconfiam do seu empregador e de possíveis armadilhas corruptas, pois os olhos “do habitante das metrópoles estão sobrecarregados com funções de segurança” (1989, p. 142) assim como pondera Benjamin com relação à obra de Kafka. Ainda que pareça (e seja) confuso, o exposto acima não passa de um emaranhado, de uma grande teia de desconfianças que envolve o homem solitário e incerto de todos e de si mesmo:

A insegurança actual não é uma ideologia, está inelutavelmente correlacionada com um indivíduo desestabilizado e desarmado que amplifica todos os riscos, se sente obcecado por seus problemas sociais, exasperado por um sistema repressivo considerado inactivo como um indivíduo que se habituou a ser protegido e se sente traumatizado por uma violência de que

nada sabe: a insegurança quotidiana resume sob uma forma angustiada a dessubstancialização pós-moderna (Lipovetsky, 2005, p. 130).

Ainda que o conto nos mostre um espaço urbano marginal, a narrativa não se volta para o medo e para a violência paulistana como propulsores do encapsulamento homem, ou seja, para a sua solidão. A violência presente no conto, assim como nos diz Lipovetsky no excerto acima, é aquela que de nada sabe e o homem, diante dela, está sempre desarmado. A incerteza gera a solidão e é a incerteza que leva o homem a matar friamente quem ameaça o seu projeto de estabilidade. O humanitarismo tratado por Arendt não faz parte da narrativa de Loyola Brandão, o homem, na representação feita acerca do fim do segundo milênio, não compartilha o mundo com outros homens, pois, de acordo com o que mais uma vez Lipovetsky pontua, “quanto mais a sociedade se humaniza, mais o sentimento do anonimato se estende; quanto mais há indulgência e tolerância, mais aumenta a falta de segurança do indivíduo em relação a si próprio” (2005, p. 78). O homem pós-moderno se encerra em uma cápsula para preservar o que pretende individualmente, para se proteger das incertezas geradas pela destruição da tríplice exposta.

O conto de Loyola nos mostra, sobretudo, a solidão do homem que perdeu a mão e, posteriormente, a solidão da mulher que teve de trocar a manteiga pela margarina, a solidão do funcionário resfriado do guichê “Informações” dos Correios e até mesmo a solidão do velho empregado da Expedição que temia ser demitido na véspera de sua aposentadoria, ou melhor, Loyola nos apresenta a solidão dos homens que odiavam segunda-feira.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A moradia se torna uma espécie de cápsula. Concebe-se como um estojo do ser humano e nela o acomoda com todos os seus pertences, preservando, assim, os seus pertences, como a natureza preserva no granito uma fauna extinta (“Charles Baudelaire: um lírico no auge do capitalismo”, Walter Benjamin).

Os homens que odiavam segunda-feira de Loyola Brandão protagonizam uma severa representação acerca do final do segundo milênio, a dizer: a solidão do homem. A solidão

que, na maioria das vezes, é apresentada como aquela do homem urbano, solidão que todos já estão acostumados, do *delivery* e do e-mail, ganha, com os contos de Loyola, um novo contorno. A solidão dos homens de Loyola é dolorosa, e não só no conto escolhido para compor este trabalho. É pungente para o leitor o vínculo que um dos homens cria com uma formiga matutina que aparece todo dia ao lado do açucareiro na mesa de café da manhã, as noites de febre alta do homem que sentia imenso pavor diante da segunda-feira e que mantinha como plano extingui-la do calendário ou até mesmo as cartas que o homem que perdeu a mão costumava mandar para desconhecidos.

Os homens anônimos apresentados na obra de Loyola Brandão são corrompidos pela trindade da desconfiança e encerram-se em cápsulas de quatro paredes, junto dos seus pertences, pois ali é o único lugar que ainda movem-se com alguma potência. Lá fora, nada podem e vivem sob a constante ameaça da incerteza. Movidos pela desconfiança que nutrem com relação às instituições, desconfiam de si mesmos e diante da livre concorrência e da lógica da globalização, se afastam dos outros homens porque temem golpes, falcatruas e truques, assim como o antigo empregado da Expedição dos Correios e a mulher que trocou a manteiga pela margarina.

A representação de Loyola acerca da passagem do século XX para o XXI não conta com a comunhão entre os homens tratada por Arendt no início do presente trabalho. O homem metropolitano, frente à violência da incerteza, não confia no outro, não sabe do que o outro é capaz de fazer, ou seja, não sabe se o outro pode significar uma ameaça. Em São Paulo, como nos diz Loyola, “só tem gente desconfiada” (BRANDÃO, 2000, p. 44).

O homem, diante da dissipada promessa pública de bem-estar, se encarrega de preservar, a todo custo, as suas ambições individuais com relação ao futuro. O homem metropolitano é sozinho para não se entregar a um sentimento de anonimato em face da multidão da cidade. Preserva-se para existir enquanto homem, não enquanto mais um na fila de inverno na Previdência Social. Trata-se de uma solidão consentida, mas que ainda assim aflige o leitor. É pungente e cruel porque não há ninguém por todos nos contos de Loyola, mas apenas cada um por si e aquele que não se adéqua a essa nova lógica, termina sem mão, sem emprego por não utilizar do computador no trabalho ou incinerado junto de cartas extraviadas na Expedição dos Correios de São Paulo.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:

BAUMAN, Zygmunt. *Amor Líquido: sobre a fragilidade dos laços humanos*. Trad. Carlos Alberto Medeiros. Rio de Janeiro: Zahar, 2004.

_____. *Modernidade Líquida*. Trad. Plínio Dentzien. Rio de Janeiro: Zahar, 2001.

_____. *O Mal estar da pós-modernidade*. Trad. Mauro Gama, Cláudia Martinelli Gama. Rio de Janeiro: Zahar, 1998.

BENJAMIN, Walter. *Charles Baudelaire: um lírico no auge do capitalismo*. 1ª Ed. São Paulo: Brasiliense, 1989.

BRANDÃO, Ignácio de Loyola. *O Homem que odiava segunda-feira: as aventuras possíveis*. São Paulo: Editora Global, 2000.

LIPOVETSKY, Gilles. *A Era do Vazio*. Trad. Terezinha Monteiro Deutsch. Barueri/SP: Editora Manole, 2005.

_____. *Os tempos hipermodernos*. Trad. Mário Vilela. São Paulo: Editora Barcarolla, 2004.